

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS DO SERTÃO
CURSO DE HISTÓRIA

DerllânioTelecio da Silva

**Trabalho educacional da freira franciscana irmã “Redenta” no sertão
alagoano, São José da Tapera (1977-2018)**

Delmiro Gouveia
2020

DerllânioTelecio da Silva

Trabalho educacional da freira franciscana irmã “Redenta” no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana

Delmiro Gouveia
2020

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza – CRB-4/2209

S586t Silva, Derllânio Telecio da

Trabalho educacional da freira franciscana irmã “Redenta” no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018) / Derllânio Telecio da Silva. – 2020.

41 f. : il.

Orientação: Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana.
Monografia (Licenciatura em História) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de História. Delmiro Gouveia, 2020.

1. História social. 2. Missão franciscana. 3. Irmã Redenta no sertão. 4. Filantropia. 5. São José da Tapera – Alagoas. I. Santana, Pedro Abelardo de. II. Universidade Federal de Alagoas. III. Título.

CDU: 981(813.5):2-4

Folha de Aprovação

DERLLÂNIO TELECIO DA SILVA

Trabalho educacional da freira franciscana irmã "Redenta" no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018)

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Alagoas, Campus do Sertão e aprovado em 12 de fevereiro de 2020.

Pedro Abelardo

Prof. Dr. Pedro Abelardo de Santana, UFAL (Orientador)

Banca examinadora:

Vagner Gomes Bijagó

Prof.º Dr. Vagner Gomes Bijagó, UFAL (Examinador)

Gercinaldo de Moura

Prof. Me. Gercinaldo de Moura Medeiros, UFAL (Examinador)

AGRADECIMENTOS

A gratidão é uma das virtudes mais nobres do ser humano. Diante disso, venho através deste agradecer as pessoas que de alguma forma contribuíram e/ou foram importantes durante a minha carreira acadêmica.

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado sabedoria e possibilitado oportunidades meritórias durante a minha graduação.

Aos meus pais, DijalmaTelecio da Silva e Josefa da Conceição, que sempre me deram credibilidade e acreditaram no meu potencial. Venho agradecer também as minhas irmãs, Bianca e Beatriz, que são provas dos meus esforços.

Ao meu orientador, Pedro Abelardo de Santana, por ter me orientado na produção deste trabalho e pelas contribuições no decorrer do meu curso, além de me encorajar a dar sequência a carreira acadêmica.

Aos meus entrevistados: Anarielle Santos, Hanny Martins, Maria Izabel, João AlmeidaeRosineide Santos, pelo suporte teórico e contribuição para a consolidação da minha pesquisa.

Aos meus amigos: Alice Mello, Afonso Henrique, Cosme Damião, Fernanda, Heyde, Júlio César, Laura, Rafael Balbino,Rick Mello, Sarah Izabel e Thaís Genésio, por saberem e/ou terem me dado suporte quando eu precisei.

Por fim, agradeço as minhas amigas dotadas de sapiência que a graduação me presenteou, a Elzita, a Heloísa, a Silvia, a Sirlânia, a Thaís e a Viviane, pelos momentos de alegrias, decepções, brigas e êxtases em que vivenciamos nesses anos de graduação. Obrigado!

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso investiga a atuação da irmã franciscana Redenta no sertão de Alagoas, em São José da Tapera, com o recorte temporal delimitado entre 1977 a 2018, elucidando os trabalhos sociais e educacionais da Congregação franciscana holandesa no município alagoano aplicados pela religiosa. Foram analisadas as práticas de ensino da instituição escolar filantrópica fundada por ela, Colégio João Paulo II, além de compreender os sujeitos que contribuíram com o seu trabalho e estabelecer as relações afetivas e as divergências entre Redenta e os sujeitos sertanejos assistidos pelos seus trabalhos. Foi realizada uma abordagem historiográfica das implicações franciscanas no Brasil, referente as experiências franciscanas no sertão alagoano. As representações que este trabalho manifesta servem como base de inquietações para o âmbito historiográfico.

Palavras-chave: Educação, Filantropia, Missão Franciscana.

ABSTRACT

The present final paper investigate the operation has realized by nun Franciscan Redenta on Alagoas' Outback, in São José da Tapera, with a delimited temporal cutting between 1977 to 2018, elucidating the social and mainly educational works of the Dutch Franciscan congregation in the county by her. They were analyzed as teaching practices of the philanthropic elementary education institution by her, Colégio João Paulo II, beyond understand all of them that contributed with your work and establish affective relationship and diferrences between Redenta and the residents have received her solidarity. That way, a historiographic approach of the Franciscan implications in Brazil was carried out, mainly referring to the Franciscan experiences in the Alagoas Outback. Thus, the representations that this work manifests serve as a basis for concerns for the historiographical scope.

Keywords: Education, Philanthropy, Franciscan Mission.

Sumário

Introdução	8
1 Irmã Redentora: de Brabante do Norte a Alagoas	12
1.1 Irmãs franciscanas de Santo Antônio de Pádua no sertão de Alagoas	13
1.2 Redenta e as suas missões em São José da Tapera	16
2 Fundação do Colégio Cenecista São José	20
2.1 Os estudantes e seus padrinhos europeus	26
2.2 A escola e a tradição de respeito pelos valores morais e cívicos	28
2.3 A freira Redenta e o seu legado para o município	30
3 Considerações finais	32
Referências	34
Anexos	35

Introdução

Este trabalho é resultante de uma pesquisa referente a congregação católica holandesa no sistema educacional alagoano. O trabalho tem como premissa compreender o contato da irmã franciscana holandesa, conhecida como Redenta, com as camadas subalternas do sertão alagoano, no município de São José da Tapera.

A metodologia utilizada para o estudo da vida e práticas educacionais da religiosa foi feita através do levantamento bibliográfico do que se tem produzido em relação aos trabalhos missionários realizados por freiras em Alagoas, principalmente no sertão. Foram utilizados documentos e a história oral para a elaboração do trabalho.

O historiador Chartier em sua obra intitulada **A História Cultural: entre práticas e representações** (1988), analisa o mundo investigando as práticas e representações através da compreensão das práticas de leituras camponesas na França, neste trabalho analisaremos como se definem as práticas e representações da passagem de Redenta no sertão de Alagoas, através de suas práticas educacionais.

A Congregação do Santíssimo Redentor foi fundada por santo Afonso de Ligório e a Beata Maria Celeste, com a proposta de manter o carisma do santo em suas missões e proporcionar trabalhos para os mais vulneráveis.

A bibliografia levantada se torna indispensável para a problemática posta, além de auxiliar na definição do problema, elaboração das hipóteses, delimitação dos objetivos e apresentação da justificativa. Eruditos como Roger Chartier (1988), Massimo Bonato (2014), Caio Prado Júnior (1972), Gilberto Freyre (1994), Luiz Fernando Conde Sangenis (2018), Basílio Röwer (1947), Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão (1858), José Oscar Beozzo (1968), Eduardo Hoornaert (1992), Frei Venâncio Willeke (1997), José Cícero Correia (2012), além de outros, contribuirão para a efetivação deste trabalho.

São José da Tapera é um município do médio sertão de Alagoas, sendo o terceiro mais populoso entre os sertanejos e referência em termos educacionais na região. Para que nos dias atuais seja considerada uma potência educacional, houve o auxílio de inúmeros educadores importantes para essa consolidação. Diante disso, a irmã franciscana Elisabeth Jacoba Maria Bogers (Redenta), trouxe importantes contribuições sob a perspectiva educacional no município, sendo uma das educadoras precursoras, inaugurando em 1977 a sua instituição de ensino filantrópica, o Colégio Cenecista São José.

Elisabeth rompeu os seus limites geográficos, deixando o município de Breda, na Holanda, para se dedicar a missões no Brasil e, em uma de suas visitas a São José da Tapera, notou o alto grau de vulnerabilidade social do município que era detentor do pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do país, segundo a ONU.¹ Estudando a história do Brasil e analisando a perspectiva educacional desde o processo de colonização, nota-se que a educação sempre esteve ligada a religião. Os franciscanos tiveram funções primordiais neste processo. Esses religiosos tentaram de inúmeras formas conquistar os nativos brasileiros. Se destacando no modo de educar imposto pelos jesuítas, os franciscanos, entenderam que só poderiam conquistar a América através da doação e persistência (SANGENIS, 2018, p. 691-705).

Fragmentando ainda mais os trabalhos missionários por freiras, elucidaremos as ações franciscanas no sertão alagoano. Os franciscanos foram essenciais para o processo de formação do Brasil, principalmente para o processo pedagógico. Em Alagoas, chegaram através dos caminhos do rio São Francisco (SANTOS, 2005, p. 3). Essa atitude se consolidou e causou impactos educacionais para São José da Tapera e municípios circunvizinhos. Em São José da Tapera, a freira advinda da Holanda ofertou inúmeras bolsas integrais e parciais de estudos para pessoas que sofriam com os impactos da vulnerabilidade social no município.

Para ser entendida a vinda de Elisabeth de Breda para São José da Tapera, torna-se indispensável entender os motivos de sua saída da Europa. A crise do catolicismo que se reverberou a partir da década de 1950, justifica a vinda de inúmeros franciscanos missionários da Europa para o Brasil. Desde 1950, a Europa manifestava preocupações por conta da constatação de perda de influência social e cultural do catolicismo em muitos países do continente. Para amenizar a situação, se tornou urgente a necessidade de se buscar novos fiéis em outros continentes (BONATO, 2017, p. 147).

Em 1900, a quantidade de fiéis da fé católica representava 67,80% da população, caindo para 38,41% em 1970 e 27,04% em 2000. Enquanto na América Latina, em 1900, os fiéis representavam 21,98% da população, tendo ascensão para 40,38% em 1970 e 45,50% em 2000 (BEOZZO, 2003, p. 57). A América Latina foi alvo de distintas missões franciscanas com o objetivo de ganhar novos fiéis, isto é, a busca por fiéis em continentes adjacentes e distantes da Europa se consolidou de forma exitosa.

¹ No ano de 1999, o município de São José da Tapera foi capa da revista Repórter Brasil com o título: “A Miséria em Primeiro Lugar”, destacando o município como o detentor do pior IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) do Brasil.

Tabela 1 – Porcentagem de católicos em alguns continentes: 1900-2000

CONTINENTE	1900	1970	2000
	%	%	%
América Latina	21,98	40,38	45,50
Europa	67,80	38,41	27,04

Fonte: LTK, t. 11, Freiburg: HerderVerlag, 2001, p. 244. Beozzo, 2003b, p. 54.

Diante da crise, o Brasil serviu como experimentação para esses jovens missionários, tendo como núcleo principal o Nordeste do país e os sertões seu principal campo de trabalho missionário. As pesquisas identificadas sobre a atuação franciscana no Brasil, em sua maioria, estão localizadas no Nordeste e são de extrema relevância para a compreensão das práticas franciscanas.

Chegando a Alagoas por volta do século XVII, na região da vila das Alagoas e vila do Penedo do Rio São Francisco, construíram igrejas e conventos para missionar e pregar a fé católica em terras alagoanas. Foram criadas aulas de gramática para as cidades de Penedo e Alagoas da Lagoa do Sul (atual Marechal Deodoro), atendendo os filhos dos moradores (SANTOS, 2005, p. 4). As missões franciscanas e as suas práticas de ensino ganharam ampliação dentro de Alagoas, estando presente do sertão ao litoral.

Segundo Santos (2005), desde o século XIX a educação gratuita era desenvolvida principalmente pelos religiosos através de práticas educacionais e tinham como principais premissas ordenar, civilizar e instruir. Nos sertões, as jovens missionárias tiveram que enfrentar obstáculos como as secas, a fome, a língua nativa, além de outros. Essa situação imposta exigia das religiosas adaptação, com isso se tornava um desafio para saber se estavam aptas a missionar na região.

As freiras chegaram ao Brasil como o objetivo de recristianizar a sociedade. Além disso, se posicionavam ativamente em detrimento de questões sociais, se distanciando da política brasileira. Levavam o seu entusiasmo cristão para todos os trabalhos sociais.

O Nordeste foi palco das missões lideradas por mulheres. Essas freiras franciscanas ao chegarem no Nordeste tiveram o desafio de conviver diante de uma realidade diferente da de seus países de origem. Seus trabalhos eram pautados no sacrifício e tiveram que se adaptar com problemáticas da região, diante de fatores que exigiam dessas jovens muitos esforços.

No estado de Alagoas, a prestação de serviços advindos de contribuições de freiras franciscanas tem registros, principalmente nos conventos franciscanos distribuídos em alguns

municípios. Santos mostra que as religiosas foram importantes tanto para o processo de modernização do estado como no âmbito educacional,

os franciscanos contribuíram com o processo civilizador e pedagógico da colonização portuguesa, percorrendo o sertão de Alagoas, sobretudo, pelo rio São Francisco, através do caminho do gado e das trilhas dos índios. Suas ações se dividem de acordo com os preceitos da Ordem (SANTOS, 2005, p. 2).

A fundação da Escola Cenecista São José (atual João Paulo II), em 1977, por Elisabeth Jacoba Maria Bogers (Redenta), em São José da Tapera, denota a contribuição franciscana em terras brasileiras com papel de equalização social. Redenta trouxe condições efetivas para a transformação social para municípios do sertão de Alagoas e mudanças das estruturas de desigualdades.

O trabalho pauta-se na compreensão de suas práticas voltadas aos trabalhos sociais, educativos e missionários. Fizemos um estudo ancorado na problematização de suas ações e dos sujeitos sertanejos beneficiados pelas suas práticas missionárias, buscando entender em que parte eles se complementam. Este trabalho se torna pertinente por somar aos estudos relacionados as práticas religiosas nos sertões brasileiros. Além disso, proporciona possibilidades de distintas interpretações frente as missões franciscanas no Brasil.

1 Irmã Redentora: de Brabante do Norte a Alagoas

Elisabeth Jacoba Maria Bogers, conhecida popularmente como irmã Redenta, nasceu em 17 de agosto de 1931 na província de Brabant do Norte, na vila de Bavel, município de Breda, na Holanda.

Mapa 01 - Município Breda, Holanda.



Fonte: Europa destinos

Pertencente a uma família de classe média, é uma das filhas de Maria Elisabeth Wirken e Cornelio Bogers, sendo sete filhos, quatro mulheres e três homens. O casal trabalhava muito para proporcionar qualidade de vida a todos. A família sempre teve apreço pela religião católica e tinha os valores cristãos como um dos principais pilares da vida. A jovem era de uma família trabalhadora.

Eles não eram ricos, mas como considerável parte das famílias na Holanda tinham o poder aquisitivo o suficiente para viver e sustentar toda a família. Eram trabalhadores, que conseguiram juntar ao longo da vida o necessário para manter um bom padrão de vida. Ela contava que o pai e a mãe trabalhavam muito para sustentar a sua família (NETO, 2019).

A menina Elisabeth desde nova frequentava a Igreja Católica e despertou o interesse de entrar para o convento. Fez o ensino fundamental na Escola das Irmãs, ainda na Holanda, escola rígida que prezava pelos valores cristãos e que foi essencial para a sua entrada posteriormente no convento.

Teve dois irmãos padres e uma irmã religiosa como inspiração para entrar ao convento. Foi na década de 1950, que a jovem entra para convento na Congregação das Irmãs

Franciscanas de Santo Antônio de Pádua. Ainda nova, teve que faltar muitas vezes a escola por conta dos conflitos da Segunda Guerra Mundial.

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939/1945) foi obrigada a muitas vezes deixar de frequentar a escola, isso era motivo para a mãe superiora ir até a sua casa averiguar o motivo das faltas. O conflito mundial marcou bastante a infância da menina Elisabeth, vale lembrar a proximidade da Holanda tanto da Alemanha (Eixo) e quanto da Inglaterra (Aliados) (CORREIA, 2012, p. 4).

As jovens freiras, assim como o santo católico, tinham que romper seus limites geográficos para realizar as missões. A sua primeira missão foi em Aruba, numa pequena ilha do Caribe holandês, onde realizava trabalhos em um hospital no setor de raio-x. Mesmo tendo a formação de enfermeira, estava insatisfeita com o trabalho no local, pois achava um trabalho mecânico e mostrou a insatisfação a mãe superiora e pediu para trabalhar em regiões onde se fixava a pobreza e fome. Com o pedido da freira, a mãe superiora através de um diálogo com um bispo, a enviou para realizar missões no Brasil.

1.1 Irmãs franciscanas de Santo Antônio de Pádua no sertão de Alagoas

Juntamente com mais quatro irmãs partem da Holanda para aportar em terras brasileiras com a missão de “trazer para os pobres a boa nova, ajudar aqueles que estão ansiosos pelo olhar do Senhor” (CORREIA, 2012, p.6).

A freira chegou no Brasil em 1962 e foi enviada para a pequena cidade de Esperança, no interior da Paraíba, iniciando os seus trabalhos proporcionando assistência médica aos mais vulneráveis do município, através de parcerias com médicos e enfermeiros. Além de Esperança, ela se dedicou a trabalhos na capital paraibana dando suporte a enfermos. Ainda na Paraíba, fez curso de português, com a finalidade de dominar o idioma.

Através do bispo dom Otávio Aguiar da Diocese de Palmeira dos Índios, em uma viagem para Roma, soube que algumas irmãs estavam fugidas do Congo por conta da guerra civil e, através de uma conversa com a mãe superiora delas, as convidou para realizar missões no Brasil. As irmãs que estavam no Congo eram Odiliana e Clementina. Após esforços, o padre de Pão de Açúcar, Heliomar Queiroz Mafra, conseguiu levar para o município alagoano as duas irmãs vindas do Congo. Estas se juntaram com irmã Quinera, irmã Joannis e irmã Redenta que estavam na Paraíba.

As irmãs franciscanas de Santo Antônio de Pádua chegaram ao município de Pão de Açúcar em 22 de agosto de 1966. Irmã Clementina era superiora, junto com as irmãs

Odiliana, Quinera (substituída pela Patrícia posteriormente), Joannis e Redenta iniciaram neste mesmo ano suas missões e dividiram as atividades. Começaram a desempenhar trabalhos no setor educacional, religioso e profissional.

Foto 1 – freiras holandesas em evento em Pão de Açúcar



Fonte: Acervo do Colégio São Vicente

Chegaram ao sertão alagoano em um carro da *jeep*² e se dividiram da seguinte forma: irmã Clementina e Odiliana ficavam responsáveis para dar suporte a cidade de Pão de Açúcar, Quinera e Joannis a paróquia, Elisabeth que passou a ser conhecida como irmã Redenta dava suporte aos interiores por ser a única a possuir licença para dirigir.

A irmã Redenta começou a atuar nos interiores conhecidos como Campo Alegre, Impueiras, Lagoa de Pedras, Tibanzê, Palestina, Santiago, Jacarezinho e São José da Tapera. Como era enfermeira, assim que chegou à região iniciou trabalhos no âmbito da saúde com gestantes e disponibilizando medicamentos para os sertanejos. Para se adaptar ao Brasil, Redenta fez curso de português e estudos referentes as doenças tropicais do país.

As questões climáticas também preocuparam muito as jovens freiras, pois eram divergentes de seus países de origem. Todavia, em poucos anos conseguiram se adaptar e não

² O transporte por muito tempo foi a marca registrada das freiras, por décadas realizaram suas missões com o veículo automotivo.

sentiam falta das terras europeias, a cada três anos tinham que visitar o convento e familiares na Holanda e chegou um período que já não era de vontade delas regressar a Europa.

Realizando trabalhos nos interiores, Redenta tinha apoio de pessoas influentes locais e prestava serviços à comunidade como assistência médica, maternidade, distribuição de alimentos, acompanhamento pedagógico, realização de eventos religiosos, construção de capelas. Se dedicava as camadas subalternas do sertão alagoano, em especial de São José da Tapera, que mesmo antes da emancipação tinha inúmeras de pessoas assistidas pelo seu trabalho.

Apesar de São José da Tapera ter sido reconhecido como Município Emancipado político e administrativamente desde anos finais da década de 1950 (Aprovada a Lei nº 2.084 de 24 de dezembro de 1957, mas que somente vigorou em 01 de janeiro de 1959), por muito tempo Tapera dependeu dos serviços (maternidade, cartório, igreja, banco, escola) de Pão de Açúcar (CORREIA, 2012, p.6).

Enquanto as outras freiras estavam prestando seus trabalhos missionários na cidade de Pão de Açúcar, Redenta estava acompanhando o padre Petrócio nas comunidades adjacentes ao município, durante missas e procissões religiosas. Além das procissões e missas, Petrócio como responsável pela Sociedade Educacional e Assistencial da Paróquia de Pão de Açúcar auxiliava todas as freiras na execução do trabalho missionário.

A Sociedade Educacional e Assistencial da Paróquia de Pão de Açúcar³ era responsável por direcionar as freiras nas ações sociais, religiosas e educacionais. A sociedade foi criada em 20 de janeiro de 1953, com a proposta de amparar a população prestando serviços assistenciais. Após a criação da sociedade, com os trabalhos das freiras e do pároco, foram ofertadas para municípios sertanejos dez creches, três na zona urbana de Pão de açúcar e seis na zona rural; uma na zona urbana do município de Palestina com atendimento a 800 crianças de três meses a sei anos, proporcionando assistência em alimentação, higiene, vestuário e ensino infantil na modalidade pré-escolar.

Com a vinda das freiras para Pão de Açúcar, a Escola Paroquial⁴ passou a se chamar Colégio São Vicente. A instituição ficou sob responsabilidade da irmã Odiliana, inicialmente com três salas de aula e uma diretoria com dois sanitários, e construíram entre 1966 e 1971 um prédio com uma estrutura melhor, ofertando o jardim infantil, curso primário, corte e costura, bordado e culinária com 130 alunos. Sem apoio dos políticos da região, sempre cobraram das autoridades melhorias para a população.

³ A sociedade foi registrada em Cartório do 2º Ofício, livro 03, G, folhas de n.º 54, sob registro n.º 4.739.

⁴ A Escola Paroquial foi fundada em 1953 pela paróquia de Pão de Açúcar e mudou de nome após a atuação das irmãs franciscanas de Santo Antônio de Pádua.

Os poderes públicos “Estadual, Municipal” e comunidade beneficiada, devem olhar com mais interesse e bons olhos pra o Colégio São Vicente, não querendo ficar alheios e bem longe de empreendimentos desenvolvimentistas que nossa cidade recebeme que precisa desenvolver muito mais (Irmãs Franciscanas de Santo Antônio de Pádua, 1980, Pão de Açúcar).

As cinco freiras franciscanas construíram em Pão de Açúcar dois conjuntos residenciais, beneficiando a população com dezoito residências para idosos em um conjunto, e outro com cinquenta casas construídas tanto na sede do município, como na zona rural, beneficiando os mais vulneráveis.

Foto 2 - Padre Petrócio e moradores na construção dos conjuntos habitacionais



Fonte: Acervo do Colégio São Vicente

Segundo depoimentos das religiosas, a motivação para os seus trabalhos sob a perspectiva social e educacional foi o espírito missionário. Desde que chegaram a Alagoas, realizaram diversos trabalhos voltados para as minorias sertanejas, trabalhos estes que são realizados até os dias contemporâneos, como no caso do Colégio São Vicente, Faculdade São Vicente e Colégio João Paulo II.

1.2 Redenta e as suas missões em São José da Tapera

A irmã Redenta era responsável por desenvolver as suas missões nos sítios e povoados próximos as cidades de Pão de Açúcar e São José da Tapera. Diante de todos os lugares que ela prestou serviços decidiu se dedicar a Tapera, pois considerava que o município era o que

mais precisava de auxílio. Era nítido o estado precário em que parte considerável das pessoas do município vivia. A maioria dos moradores moravam em taperas,⁵ por esta característica o município é chamado por este nome. A vulnerabilidade social estava fixada a localidade.

A freira frequentava os sítios e povoados do município com frequência com o intuito dedistribuir desde de medicamentos a alimentação para os moradores que viviam na zona rural. Esta preocupação para atuar nos interiores do município se justifica através das condições socioeconômicas dessas famílias, pois a fome e mortalidade infantil na região era preocupante.

Foto 3 - Redenta no interior de São José da Tapera



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Na década de 1960, a freira realizou um curso de corte e costura com um grupo de mulheres, buscando dar uma opção de feminino e independência para as mulheres daquele período, além de proporcionar uma alternativa de vida para aquelas mulheres que viviam apenas do trabalho braçal e presas a conjuntura patriarcal estabelecida na região. Redenta buscava nas mulheres sertanejas melhorar as condições de sobrevivência.

As aulas de corte e costura, culinária e pintura eram realizadas na casa paroquial da igreja de São José da Tapera. As alunas eram, em sua maioria, mulheres grávidas que produziam as roupas para seus futuros filhos. Além disso, tinham aulas de etiqueta e postura. As aulas eram ministradas tanto por Redenta como também por profissionais que a mesma buscava em Maceió para oferecer cursos para aquelas mulheres. A religiosa nomeou esses trabalhos como “clube das mães”.

⁵ Tapera - do Tupi – significa habitação simples construída com paredes de pau-a-pique e telhado vegetal, casa de barro.

Em 1970, se integra a Cruz Vermelha⁶ para atender as pessoas que eram vítimas da extrema pobreza, proporcionando auxílio para as vítimas de uma das mais vigorosas secas do século XX. O município que era considerado pela ONU o mais pobre do Brasil e detentor do maior índice de mortalidade infantil, a partir deste ano, foi assistido pelo trabalho da entidade internacional.

Foto 4 – Distribuição de alimentos da Cruz Vermelha



Fonte: Acervo da Escola João Paulo II

Através do seu trabalho na Cruz Vermelha, muitas famílias tiveram a oportunidade de ter uma alimentação, ou melhor, através das ações da entidade e da freira a fome de muitas famílias do município foi reparada. As ações priorizavam os sítios e povoados de São José da Tapera, como Pilões, Torrões, Bananeira, Lagoa da Cobra, Antas, entre outros. Palestina nas comunidades de Vila de Santo Antônio, Machado, Santa Filomena, além de outros. Pão de Açúcar, nas comunidades de Campo Alegre, Impoeiras, Lagoa de Pedras, Palestina, Santiago, Jacarezinho, entre outros.

A Cruz Vermelha procura o Padre Petrócio Bezerra de Oliveira então pároco de Pão de Açúcar para juntamente com as irmãs holandesas ajuda-los na entrega de cestas básicas aos desamparados sertanejos (CORREIA, 2012, p. 08).

⁶ Entidade internacional humanitária que busca proteger a vida e saúde humana no auxílio principalmente de pessoas com alto grau de vulnerabilidade social, como também vítimas de catástrofes e desastres naturais.

A entrega dos alimentos era feita através de caminhões solicitados por Redenta para a distribuição das cestas básicas. Na maioria das vezes, os alimentos eram entregues na entrada da comunidade de Bananeira. Esse intermédio era realizado pela freira juntamente com voluntários do município.

Em relação aos seus trabalhos na Cruz Vermelha, era ela que fazia o intermédio. Elisabeth era responsável por trazer mantimentos para a cidade, esses mantimentos chegavam em caminhões que eram entregues na entrada do sítio Bananeira. Diante disso, as pessoas saíam de todas as partes do município para receber os mantimentos no caminhão (NETO, 2019).

No mesmo período que realizava trabalhos com as mulheres, através do “clube das mães” e as ações da Cruz Vermelha, a freira identificou a necessidade de uma maternidade para a região sertaneja no município de São José da Tapera. Mostrando insatisfação referente aos trabalhos ofertados pela prefeitura, no âmbito da saúde, a freira foi a Maceió para uma reunião com o secretário de saúde do estado de Alagoas e solicitou uma maternidade para o município sertanejo, recebendo um não justificado pela falta de médicos com disponibilidade para a região.

2 Fundação do Colégio Cenecista São José

O Colégio de 1º e 2º graus Cenecista São José foi fundado no dia 03 de abril de 1977, pela irmã holandesa Redenta em um prédio doado pelo governo municipal de São José da Tapera, a criação dessa instituição escolar se deu através do apelo social por uma educação que assistisse considerável parte do município que não tinha acesso à educação.

Não conseguindo a maternidade para o município, a religiosa manifestou o interesse em criar uma escola que proporcionasse ensino e que prezasse pelos valores cristãos e morais. Diante disso, criou o Colégio Cenecista São José, com a proposta de ofertar o acesso à educação para as camadas subalternas de São José da Tapera.

A educação escolar em São José da Tapera nos primórdios do Município ocorria na casa de alguns visionários professores que abriam suas portas para quem quisesse se alfabetizar, entre estes a Professora Agrepina Melo que anos depois viria a ser nome de rua na cidade (CORREIA, 2012, p. 8)

Antes da fundação do Colégio Cenecista São José, a única instituição de ensino que havia no município era a escola Muniz Falcão, ofertando para os taperenses os quatros primeiros anos de ensino, da 1ª a 4ª série do ensino fundamental. Os alunos que quisessem seguir estudando teriam que se deslocar para os municípios de Palmeira dos Índios e Pão de Açúcar, pois eram as cidades mais próximas que ofereciam os últimos anos do ensino fundamental e o ensino médio. Foi diante dessas dificuldades que o projeto de se criar o Colégio São José se consolidou.

Em 1976, o prefeito Lucilo José Ribeiro soube da vontade de Redenta de criar uma instituição de ensino que ofertasse do ensino básico ao ensino médio. Ciente dos problemas da educação municipal que se tinha, compreendeu que o projeto da freira seria relevante para a região. Juntamente com pessoas que possuíam influência e tinham um poder aquisitivo se mobilizou com a religiosa para a efetivação de seu projeto educacional.

O pároco do município de Pão de Açúcar, Petrucio Bezerra de Oliveira, buscou auxílio através de outras autoridades do estado de Alagoas na busca de apoio jurídico e físico para a implantação da escola. Amigo e companheiro de trabalhos religiosos e filantrópicos de Redenta e das demais freiras holandesas, buscou muito apoio para criação tanto do Colégio São Vicente de Pão de Açúcar, como também para a criação do Cenecista São José, em São José da Tapera.

Além de Petrúcio, nomes como Manoel Fernandes, Antônio de Souza Barros, José Pereira Alves e Mércia Lemos Fontes foram importantes para a efetivação do projeto educacional da irmã Redenta. Além desses nomes, outros contribuíram para a criação da escola.

Para a construção do Colégio Cenecista São José (a proposta anterior era construir uma maternidade) teve ajuda de toda a comunidade. Cada um ajudava como podia, alguns com tijolos, outros com cimento, areia, brita... Enfim, levavam para a missa e após a celebração eram realizadas as doações. Ela investiu o que ela tinha, mas a sociedade foi muito importante. Era a forma de proporcionar ao povo o sentimento de pertencimento. Vale lembrar que o prefeito do período doou o terreno para a construção da instituição escolar (NETO, 2019).

Fundada em 1977, a escola trouxe ineditismo para o município ao oferecer três turmas de 5ª série e quatro turmas de 6ª série, cada turma com cinquenta alunos, dando início aos trabalhos do Colégio Cenecista São José. Aqueles alunos que se deslocavam para outros municípios vizinhos para ter acesso à educação podiam estudar na sua própria cidade. As primeiras diretoras da escola foram Redenta e Selma Bezerra de Oliveira. Ambas contribuíram para a consolidação do empreendimento educacional no município.

No ano de 1983 começou a ofertar da 1ª a 4ª série e, em 1986, o ensino médio normal. A instituição filantrópica dirigida pela freira holandesa passou a ofertar para a população taperense acesso à educação do jardim infantil ao ensino médio. No horário da manhã, era ofertado do jardim infantil a 5ª série, no vespertino da 6ª a 9ª série; no noturno, o ensino médio. A cada ano, a escola ia ampliando sua estrutura, tanto física, como educacional.

A construção de um novo prédio para comportar o alunado crescente foi quando o senhor Antônio Souza Barros doa um terreno de aproximadamente 04 tarefas para a construção do novo prédio para o Colégio São José (CORREIA, 2012, p. 12).

Neste período, a escola possuía oito salas de aula, um salão de festa, uma cozinha, um depósito para guardar instrumentos para desfile, uma diretoria, uma secretaria e uma biblioteca. Além disso, ainda possuía um enorme espaço para futuras construções.

O ano de 1990 foi último ano que a instituição foi chamada de São José. Em 1991, a irmã e seus funcionários detectaram que já havia nas proximidades três escolas com o nome São José. Diante disso, a religiosa propôs mudar o nome da instituição de ensino. No mesmo ano, passou a se chamar Escola de 1º e 2º Graus João Paulo II.

Foto 5 – Frente do Colégio João Paulo II



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

O fardamento tradicional do Colégio João Paulo II era composto pela camisa branca com a logomarca da escola, calça social azul marinho para os homens, saia pinçada azul marinho para as mulheres, meia branca para ambos e sapato modelo *all star* preto com branco. Este fardamento era obrigatório para todos os alunos, aquele que não tinha condições financeiras suficiente para comprar o fardamento completo ganhava da instituição. Além do fardamento, o horário de entrada e saída da escola era outra exigência que tinha que ser seguida, dez minutos era a tolerância máxima de atraso para entrar na escola após o horário estabelecido pelo colégio. A instituição tinha as regras muito rígidas e deveriam ser cumpridas para o bom funcionamento da instituição.

O Colégio da Irmã como ainda hoje é chamado ficou conhecido pela rigidez e disciplina no seu método de ensino, para estudar no João Paulo II o aluno deveria obedecer algumas normas como: usar o fardamento (camisa branca com a logomarca da escola, calça azul marinho para os homens e saias pinçadas da mesma cor para as mulheres), pontualidade para entrar na escola, em hipóteses alguma mascar chiclete, não riscar as bancas e as paredes da sala e participar dos eventos promovidos pela escola como, por exemplo, os tradicionais desfiles de 07 de setembro marchando ao som da banda marcial da escola (CORREIA, 2012, p. 15).

O diferencial do colégio era o ensino normal, conhecido também por magistério. Através do curso, os discentes recém-formados tinham a oportunidade de lecionar tanto na

rede pública municipal como também na própria instituição da irmã. Boa parte dos alunos que se destacavam na carreira estudantil foi contratada para trabalhar em distintos setores da escola.

Uma das características da escola era a tradicional aula de datilografia. Após a mudança de prédio e ampliação da instituição passou a ser ofertadas aulas de datilografia para alunos desde o ensino fundamental ao ensino médio normal. As aulas eram divididas por turmas e eram realizadas no contraturno para haver um melhor aproveitamento dos discentes.

Com o advento da tecnologia, a freira constatou que haveria necessidade de se modernizar e com o apoio de voluntários holandeses conseguiu fazer a aquisição de computadores novos e modernos para o período. As aulas de informática passaram a substituir as aulas de datilografia. Informática passou a ser uma disciplina do componente curricular da escola.

Foto 6 – Aula de informática



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Pela primeira vez no sertão alagoano, em 2005, cinquenta alunos foram enviados para a Europa com a iniciativa de conhecer o continente e participar da XX Jornada Mundial da Juventude, que neste ano aconteceu na Alemanha. Redenta, com o apoio de holandeses levou vinte e cinco alunos de seu colégio em São José da Tapera e vinte e cinco jovens da cidade de Pão de Açúcar. Os alunos foram escolhidos de acordo com rendimento escolar que haviam

obtido durante o ano letivo no primeiro semestre de 2005, pois viajaram antes de concluir o segundo semestre, no dia 11 de agosto.

Redenta foi até a sede da Polícia Federal de Alagoas para a aquisição dos passaportes de seus discentes. Os jovens e a religiosa partiram do sertão alagoano para o Recife através de transportes automotivos e, na capital pernambucana, pegaram o voo para Europa.

Foto 7 – Redenta e alunos na Alemanha



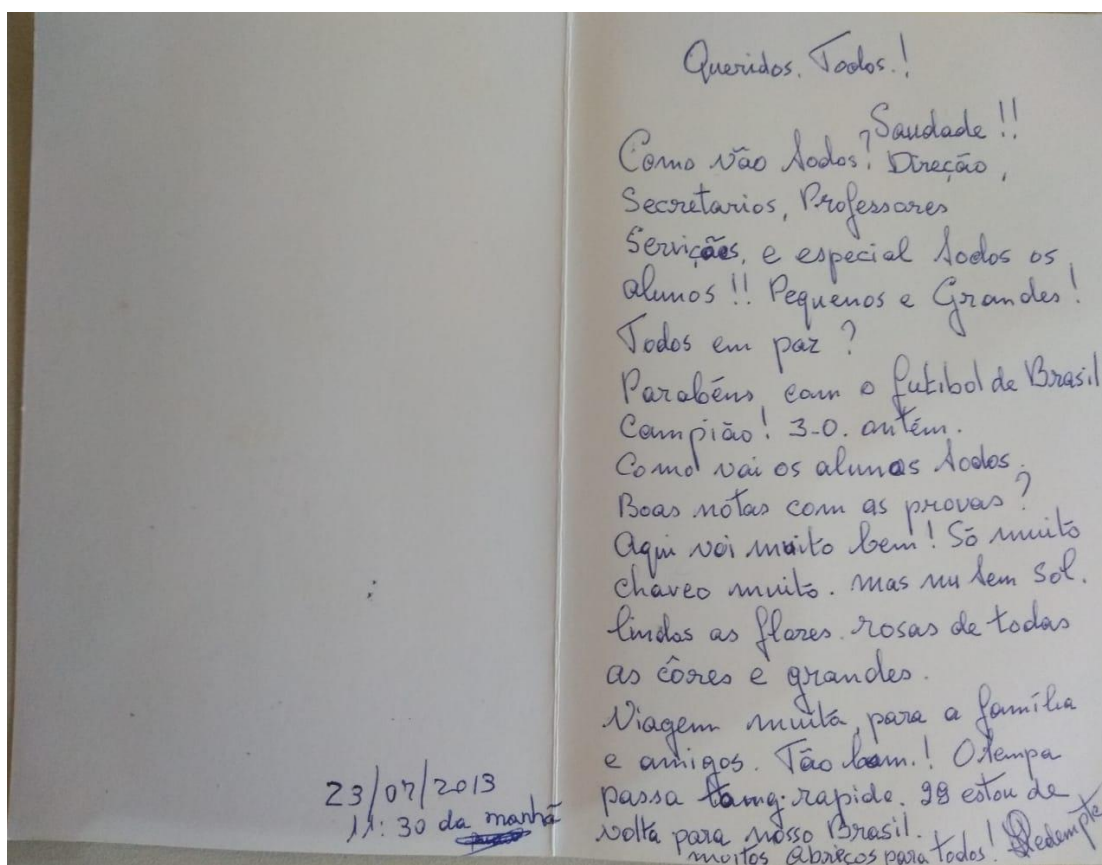
Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

O primeiro país que conheceram foi Portugal e, posteriormente, foram para Bruxelas, na Bélgica. No dia seguinte, foram para a Holanda e passaram dois dias no país. Por fim, chegaram a Alemanha e passaram seis dias visitando catedrais, participando de eventos de cunho religioso, shows, além de conhecer o Museu Beethoven. No dia 21 de agosto, participaram da Jornada Mundial da Juventude, da santa missa da esplanada de Marienfeld pelo papa Bento XVI. Algumas famílias europeias receberam os alunos e hospedaram em suas residências como foi o caso da família Bekkers, em Zeeland.

Sáimos para Recife no dia 11 de julho de 2005 para embarcarmos para a Europa. Fizemos escala em Portugal e seguimos para Bruxelas, de lá fomos de ônibus para a Holanda. Chegando lá, a turma se separou. Eu fiquei com a família Bekkers. Passamos dois dias na Holanda e depois fomos de trem para a Alemanha, onde aconteceu a Jornada Mundial da Juventude. De lá, voltamos de trem para a Holanda e pegamos o voo para Alagoas (SANTOS, 2019).

Em todas as viagens que ela fazia sempre entrava em contato com a instituição através de cartas, detalhando como estava sendo as visitas. Além disso, sempre perguntava como estava o Brasil, seus funcionários e como estava o andamento da sua escola e seus alunos com a sua ausência.

Foto 8 – Carta enviada por Redenta em uma de suas viagens



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

No ano de 2010, o Colégio João Paulo II foi a instituição de ensino o melhor desempenho no ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) de todo o sertão alagoano, com uma média de 585,57 pontos. Esse resultado, segundo os funcionários da instituição foi resultado do compromisso da freira com o povo taperense e o desempenho foi a resposta dos discentes diante da qualidade de ensino.

O ensino regular, conhecido como científico, foi implantando na escola no ano de 2011 com a proposta de se renovar enquanto instituição. Neste período, a maioria das instituições da região estava ofertando o ensino médio nesta modalidade e para não perder os

seus alunos o colégio implantou a modalidade. Com a consolidação da modalidade regular poucos alunos optavam pelo ensino magistério, o qual foi extinto em 2014.

Referente aos horários de funcionamento do colégio, a divisão era feita entre os turnos matutino, vespertino e noturno. As turmas do jardim infantil ao 5º ano eram distribuídas no horário matutino, entre o 6º ano ao 9º ano no período vespertino e o noturno apenas o ensino médio.

2.1 Os estudantes e seus padrinhos europeus

A dedicação da Irmã Redenta a Escola João Paulo II foi (e continua) enorme, para manter o bom funcionamento da Escola nunca mediu esforços, inclusive recorre ao seu país de origem, e junto aos seus conterrâneos holandeses na busca de recursos para sustentar a escola, através de um sistema de adoção de alunos as famílias holandesas contribuem financeiramente para que muitos filhos de São José da Tapera estudem (CORREIA, 2012, p. 14).

Como foi exposto, parte considerável dos alunos da instituição escolar da irmã não tinha condições financeiras suficientes para se manter no colégio, não tinham o poder aquisitivo suficiente para comprar os materiais escolares, fardamento e os livros de cada ano letivo. Diante dessa realidade, Redenta realizava viagens para a Europa, na maioria das vezes para Holanda, com a iniciativa de arrecadar fundos e apoios financeiros para manter seus alunos em sua escola. A partir dessa iniciativa, os alunos eram apadrinhados por famílias de países como Holanda e Bélgica.

Esses padrinhos arcavam com os custos dos alunos com ajudas financeiras desde 20% a 100% dos custos de cada discente. Muitas vezes tinham que juntar a arrecadação de mais de uma família de padrinhos para apenas um aluno. Os padrinhos, em sua maioria, eram pessoas de classe média, como aposentados e professores. Não havia apoio de instituições ricas, apenas de trabalhadores destes países europeus.

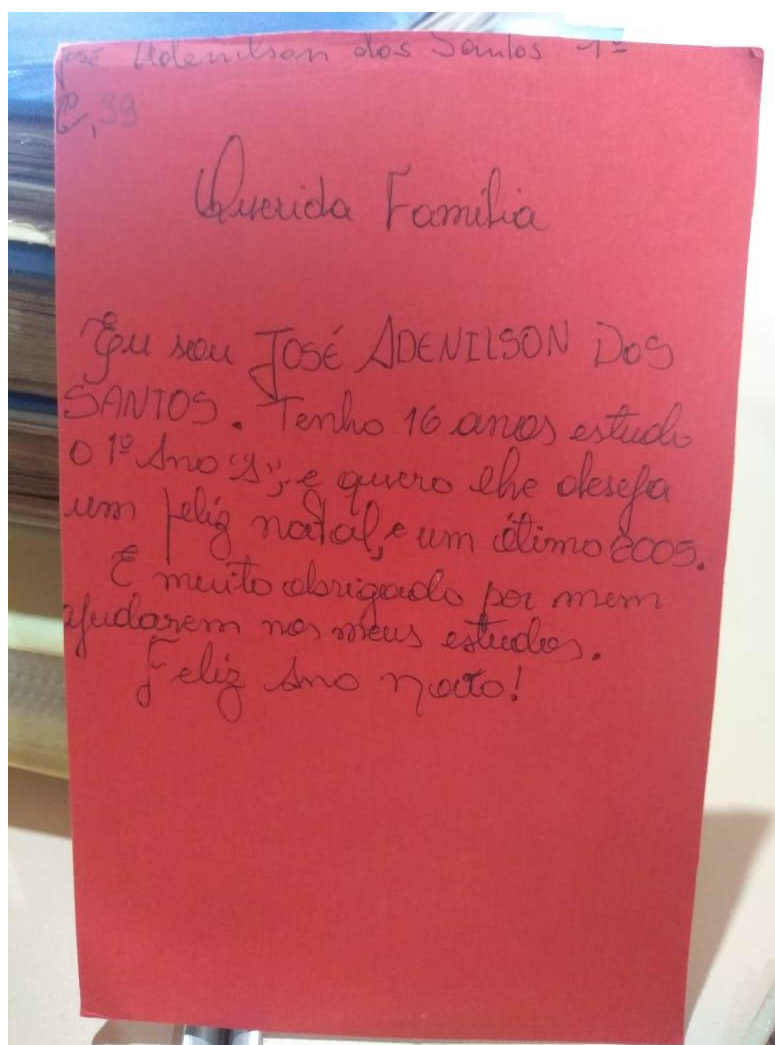
Os padrinhos, em sua grande maioria eram da Holanda, a grande maioria de classe média e aposentados, não haviam pessoas realmente ricas que ajudavam, muitos tiravam de sua aposentadoria para mandar a ajuda para a escola. Haviam muitos professores também que ajudavam, que tinham boa estabilidade financeira, mas que também não eram ricos. Esses padrinhos tinham confiança no trabalho das irmãs, pois sempre que iam para a Holanda faziam exposição dos trabalhos realizados no sertão alagoano e conseguindo a satisfação dessas pessoas que ajudavam os alunos brasileiros (LIMBEEK, 2019).

Os discentes apadrinhados sempre mantinham contato com as famílias europeias, através de telefone e cartas. Além disso, alguns destes voluntários rompiam os seus limites

geográficos e visitavam as famílias sertanejas para conhecer a realidade socioeconômica e o funcionamento do colégio da irmã.

As cartas eram produzidas pelos alunos e enviadas para os seus padrinhos em alguns períodos do ano, especialmente no início do ano letivo, retorno do recesso escolar e fim de ano, além de datas comemorativas como Páscoa, aniversário dos padrinhos e Natal. Essas cartas eram de suma importância para a relação dos alunos com os padrinhos, pois era a forma mais habitual da comunicação entre a maioria.

Foto 9 - Carta de aluno para padrinho holandês



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Foi através de famílias da Holanda ligadas ao convento que faziam transferências bancárias para manter os alunos das instituições da sociedade da paróquia de Pão de Açúcar. Lá na Holanda, escolas também mandavam dinheiro para a sociedade, os alunos lá na Europa faziam eventos como caminhadas para arrecadar fundos para enviar para o Brasil (LIMBEEK,2019).

As famílias Roermond (80 alunos), Homont (31 alunos), Corry (22 alunos), Brasil Op Weg (8 alunos) e Aktievoor Aklie (10 alunos) eram as que mais apadrinhavam os alunos do colégio. Ainda se tratando de dados quantitativos, em 2012, havia no geral 98 alunos apadrinhados, já em 2018, o número de alunos apadrinhados foi de 120. Se tratando do quantitativo de padrinhos que ajudaram a instituição, o total é de 147.

2.2 A escola e a tradição de respeito pelos valores morais e cívicos

Na instituição escolar da freira, o mês de setembro, a semana da pátria, se destacava como o período mais respeitado e simbólico para os que faziam parte do colégio. Assim que iniciava o mês toda escola se organizava para as solenidades do mês da pátria.

Foto 10 - Semana da Pátria



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Tendo o respeito pela civilidade e pelo patriotismo, a instituição se viu na capacidade de realizar desfiles cívicos de 7 de setembro como aconteciam em algumas cidades vizinhas. O primeiro desfile realizado pela instituição escolar foi em 1980. A partir daí, os desfiles se tornaram tradição e uma das marcas da instituição.

A cada desfile que tinha, uma temática diferente era exposta pelas ruas de São José da Tapera com o som da Banda Marcial São José/João Paulo II. “A bíblia”, “Desenho animado” e “50 anos de Redenta em São José da Tapera” foram temas de desfiles do colégio da irmã. Se torna importante mencionar que cada professor ficava responsável por alas específicas para que se tivesse uma organização maior em relação ao resultado final do evento cívico.

Uma das maiores preocupações da religiosa era em relação ao marchar da banda e dos alunos em seus desfiles. Eram realizados intensos ensaios antes dos desfiles para que tudo saísse do jeito que a religiosa queria. A freira sempre deixou exposto que buscava a perfeição em todo evento ou ação do colégio.

Foto 11 - Desfile cívico em 07 de setembro



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Com a proposta de realizar um desfile cívico organizado pelo colégio, houve a necessidade também de se ter uma banda instrumental para ser o carro-chefe dos eventos cívicos que fossem organizados pelo colégio. Foi criada a Banda Marcial São José, em 7 de setembro de 1980, com os alunos e funcionários da própria instituição.

No ano de 2012, em comemoração aos 50 anos de irmã Redenta em São José da Tapera foi realizado um dos maiores desfiles cívicos realizados pela instituição da religiosa. Realizado pelos funcionários da instituição escolar, o desfile foi realizado sem consentimento

da freira. Inúmeras alas mostravam a sua trajetória no município e até sobre sua infância e juventude na Holanda.

2.3 A freira Redenta e o seu legado para o município

Algo que chama atenção no município é o fato da religiosa ganhar homenagem em vida e ter seu nome completo em uma escola municipal na zona urbana. A Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Elisabeth Jacoba Maria Bogers está situada em São José da Tapera na rua governador Divaldo Suruagy, no Bairro Dez.

A partir da década de 2010, tem sido notória a fragilidade de Redenta em decorrência de constantes problemas de saúde. A freira teve que se ausentar algumas vezes da instituição para se cuidar. Já não estava visitando a Europa com a mesma frequência de antes.

Por conta da saúde fragilizada, houve a necessidade de dar maior abertura a uma diretora adjunta para que o colégio não fechasse as suas portas. Maria Helena foi o nome escolhido para auxiliar a religiosa no comando do Colégio João Paulo II, sendo substituída em 2013 por Rosineide que atua até os dias contemporâneos na instituição fundada pela irmã.

Mesmo não estando com a mesma frequência em seu colégio, Redenta se mostrava completamente preocupada com o futuro de sua instituição, já que não tinha a mesma vitalidade para buscar apoio em outros países ou até mesmo no Brasil para manter a qualidade de ensino de sua escola.

No dia 6 de junho de 2018, aos 86 anos, Redenta encerra suas missões no sertão alagoano com a sua morte confirmada pelo Hospital Clodolfo Rodrigues de Melo da cidade de Santana do Ipanema. Vítima de AVC (Acidente Vascular Cerebral), foi velada em São José da Tapera, onde recebeu as suas últimas homenagens e teve seu traslado para o município de Pão de Açúcar para o sepultamento, pois antes de falecer manifestou a vontade de ser enterrada no Brasil. Com a morte de Redenta, se encerra a missão das Irmãs Franciscanas de Santo Antônio de Pádua no sertão de Alagoas, pois a religiosa era a única viva no Brasil.

Nos dias contemporâneos, a escola ainda pertence a Sociedade Educacional e Assistencial da Paróquia de Pão de Açúcar sob a direção pelo padre Thiago e direção adjunta de Rosineide. Mesmo com a ausência de Redenta, a instituição ainda oferta do jardim infantil ao ensino médio, com cerca de 120 alunos apadrinhados, se mantém como uma instituição filantrópica com excelência sob a perspectiva educacional em São José da Tapera.

O trabalho de Redenta se faz presente na memória dos sertanejos, através de suas distintas narrativas através de seus trabalhos e implicações ou até mesmo de suas vicissitudes. Suas práticas educacionais implicam em representações que mostram fenômenos que tanto aproxime as práticas religiosa com os sujeitos sertanejos, como também se desagregue de certos sujeitos.

3 Considerações finais

A atuação da irmã franciscana holandesa Redenta foi de suma importância para o município de São José da Tapera, na formação letrada dos sertanejos, no desenvolvimento da própria região. Essa importante contribuição foi o que motivou a práxis desse trabalho. A freira, adjunta a Sociedade Educacional e Assistencial da Paróquia de Pão de Açúcar trouxe a promoção social para muitas famílias sertanejas através de diversos projetos sociais.

A finalidade deste trabalho não foi fazer uma história “vista de cima”, apenas enaltecendo o nome e o trabalho da irmã Redenta. E sim buscou uma “história vista de baixo” inserindo na pesquisa historiográfica as camadas subalternas assistidas pelos trabalhos sociais e educacionais da religiosa. Não se pode desprestigiar o trabalho da religiosa, mas se tornou necessário investigar os agentes colaboradores para a execução de seu trabalho e também dos receptores sociais aqui abordados.

O trabalho buscou identificar as implicações dos trabalhos sociais de Redenta e os seus diálogos com o político, comunidade e o religioso.

No intuito de compreender o trabalho realizado pela congregação holandesa no sistema educacional brasileiro, no sertão alagoano, se tornou necessário se ater a realidade educacional do município de São José da Tapera antes da atuação da religiosa, as práticas de ensino de sua instituição filantrópica, a adaptação da holandesa na região sertaneja, os impactos socioeducativos na comunidade taperense e buscar indícios de um possível legado da freira sob a perspectiva educacional.

Diante da missão social e educacional de Redenta, constatamos que seu trabalho não foi o único responsável pelo desenvolvimento da educação taperense. Todavia, representou uma importante ascensão da educação no município, pois através das motivações do Colégio João Paulo II muitos alunos se inseriram no mercado de trabalho e conquistaram suas profissões. Para um município onde o acesso à educação era um empecilho, o trabalho da religiosa e os esforços da comunidade sertaneja foram transformadores.

A emancipação sob a perspectiva educacional dos sertanejos assistidos pelo trabalho da freira se deu de forma gradativa. O seu trabalho na formação de professores foi importante para São José da Tapera, pois não havia professores com formação na região, e através de sua instituição formou inúmeros professores que atuam no município sertanejo, na rede municipal, estadual e privada. Analisamos, também, como se estabelecia as relações entre a

religiosa, seus funcionários, alunos e toda a comunidade taperense. Essa análise foi feita de forma crítica e as problematizações foram essenciais para o resultado final deste trabalho.

Buscamos através deste trabalho contribuir para a historiografia alagoana, principalmente no que se diz respeito a atuação e influências de freiras europeias no sistema educacional brasileiro. Através das abordagens e problematizações postas, se abre uma gama de novas problematizações e refutações por parte do âmbito acadêmico. Diante do exposto, produzir este trabalho foi uma oportunidade ímpar, na busca de investigar a inclusão educacional das classes subalternas do sertão alagoano realizada pela congregação católica holandesa no Brasil.

Concluindo, os franciscanos foram de suma importância para a formação letrada do povo brasileiro e a obra franciscana fundada por Redenta, o Colégio João Paulo II, proporcionou ao povo sertanejo a inclusão social e o acesso a educação.

Referências

BEOZZO, José Oscar. **Grandes questões da caminhada do cristianismo na América Latina e no Caribe**. In W. Sanchez (Org). São Paulo: Paulinas, 2003.

BEOZZO, José Oscar. **Os religiosos no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo, Paulinas, 1986.

BEOZZO, José Oscar. **A vida religiosa feminina no Brasil: síntese histórica**. Pesquisa. 1.14. Do P.P.C. História religiosa do Brasil, 5. 1968.

BONATO, M. **Igreja católica e modernização social**. A crise do catolicismo a partir da experiência missionária de um grupo de jovens italianos em Belo Horizonte nos anos 1960. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CORREIA, José Cícero. **Irmã Redempta: 50 anos de dedicação e trabalho pelos mais necessitados**. 1ª ed. São José da Tapera, Alagoas, 2012.

FREYRE, Gilberto. **A Propósito de Frades**. Salvador: Universidade da Bahia, 1959.

HOORNAERT, Eduardo; et al. **História da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação a partir do povo: primeira época**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

JABOATÃO. Frei Antônio de Santa Maria. **Novo Orbe Seráfico Brasilico**. Rio de Janeiro, 1858. v. I.

RÖWER, Basílio. **A Ordem Franciscana no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1947.

RÖWER, Basílio. **Gênese do pensamento único em Educação: Franciscanismo e Jesuitismo na história da educação brasileira**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **O franciscano e o jesuíta: tradições da educação brasileira**. Porto Alegre, 2018.

SANTOS, Mônica Costa. **A trajetória dos franciscanos em Alagoas e suas ações no âmbito educacional (séculos XVIII e XIX)**. Londrina, 2005.

SANTOS, Theobaldo Miranda. **Noções de História da Educação**. 13ª edição, Volume 2, São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

SANTOS, Mônica Costa; MADEIRA, Maria das Graças de Loiola. **Missionários de letras e virtudes: frei João de Santa Ângela Alagoas (1709-1756)**. In: FUMES, Neiza de Lourdes

Anexos**Foto 1 – Padre Petrócio e irmãs em Pão de Açúcar**

Fonte: Acervo do Colégio São Vicente

Foto 2 – Alunos se alimentando no intervalo das aulas



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Foto 3 – Alunos no pátio da escola



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Foto 4 – Redempta e alunos em evento de seu colégio



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Foto 5 – Alunos durante intervalo do Colégio João Paulo II



Fonte: Acervo do Colégio João Paulo II

Universidade Federal de Alagoas
Curso de Licenciatura em História

Termo de Consentimento

Declaro-me ciente dos objetivos da pesquisa de graduação, com o título (que pode haver alterações) de “TRABALHO EDUCACIONAL DA FREIRA FRANCISCANA ELISABETH JACOBA NO SERTÃO ALAGOANO, SÃO JOSÉ DA TAPERA (1977-2018)”, realizada por **Derllânio Telecio da Silva**, graduando do curso de licenciatura plena em História na Universidade Federal de Alagoas, matrícula 15112959. Autorizo o uso e publicação, por meio de textos e eventos científicos, da entrevista gravada/escrita concedida.

São José da Tapera, Alagoas
13 de dezembro de 2019

Anaxiella Maia dos Santos

Assinatura do entrevistado

Universidade Federal de Alagoas
Curso de Licenciatura em História

Termo de Consentimento

Declaro-me ciente dos objetivos da pesquisa de graduação, com o título (que pode haver alterações) de “Trabalho educacional da freira franciscana irmã Redempta no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018)”, realizada por **Derllânio Telecio da Silva**, graduando do curso de licenciatura plena em História na Universidade Federal de Alagoas, matrícula 15112959. Autorizo o uso e publicação, por meio de textos e eventos científicos, da entrevista gravada/escrita concedida.

São de Açúcar, AL, 23 de Janeiro de 2020.

Maria Lúcia Mirandola Santos Alse

Assinatura do entrevistado

Universidade Federal de Alagoas
Curso de Licenciatura em História

Termo de Consentimento

Declaro-me ciente dos objetivos da pesquisa de graduação, com o título (que pode haver alterações) de “Trabalho educacional da freira franciscana irmã Redempta no sertão alagoano, São José da Tapera (1977-2018)”, realizada por **Derllânio Telecio da Silva**, graduando do curso de licenciatura plena em História na Universidade Federal de Alagoas, matrícula 15112959. Autorizo o uso e publicação, por meio de textos e eventos científicos, da entrevista gravada/escrita concedida.

Pão de Açúcar, AL, 23 de janeiro de 2020

Martins Vieira

Assinatura do entrevistado